

LINO RESENDE

O falsário sortudo





LINO RESENDE

O falsário sortudo



Vila Velha, ES
2019



O FALSÁRIO SORTUDO

© 2019 Lino Geraldo Resende

Todos os direitos reservados

Permitida a citação de partes,
desde que identificada a fonte.

Proibida a reprodução parcial ou
total sem o consentimento do
autor.

Texto, Projeto Gráfico, Capa e Edição:



linoresende.jor.br

Vila Velha, E. Santo.

Vila Velha, ES

2019

“Você virou falsário?”. A pergunta, feita ao telefone, me deixou mais intrigado do que assustado. Afinal, era meu amigo Paulo, um brincalhão, que não perdia a oportunidade de provocar uma situação engraçada ou tirar proveito do que seus amigos – neste caso, eu incluído – tivessem feitos. Não respondi e esperei.

- Agora, você está dando cheques dos outros?

- Como assim? É claro que não, Paulo.

- Pois não parece. Tenho um cheque assinado por você aqui comigo e ele não é seu. Está querendo fugir de pagar suas contas?

Além de amigo, Paulo era comerciante e tinha lhe dado um cheque para pagamento de compra feita alguns dias antes do telefonema. Achei estranho, pois vinha pagando

com cheques e não tinha recebido nenhuma reclamação. Fiquei curioso.

- Explique isso. Como é que eu posso assinar cheque que não é meu?

- Mas foi o que aconteceu! Aqui, no cheque que está com sua assinatura, o nome do correntista é Sandro Silva e, pelo que sei, você não se chama assim. A única explicação, meu amigo, é que entrou para a indústria da falsificação. Você sabe quem é Sandro Silva?

É claro que sabia. Tratava-se de um colega de trabalho, mas nem por brincadeira usaria cheques de outros, assinando-os. Prometi ao meu amigo que iria verificar o que aconteceu e lhe retornaria. E foi o que fiz, assim que desligou. Peguei a pasta, que sempre ficava próximo de minha mesa, e nela o talão de cheque. Estava seguro que os cheques eram meus, não de um outro colega, como Paulo apontou.

Surpresa!

Eu tinha assinado e pago contas com um talão de cheques que era, mesmo, do Sandro. Fiquei, então, com duas preocupações.

A primeira, de os cheques dados terem sido pagos. A segunda, de ver quem não os tinha recebido. E sem contar que teria de me explicar com o Sandro. Antes de procura-lo fui à agência do banco, que ficava no prédio onde trabalhava, sentei-me com o gerente e expliquei a situação, mostrando-lhe o talão de cheques.

- Gostaria, Armando, que me desse a relação dos cheques que foram pagos, para que reponha o valor. E com isso posso também controlar o que não foi pago, procurando quem recebeu e substituindo os cheques pelos meus.

O Armando, solícito, fez o que lhe pedi e me retornou não só com a relação de cheques do Sandro que haviam sido pagos com minha assinatura e com a informação adicional que meu colega estava uma fera por ter o banco pago cheques que não eram dele. Eu tinha de me explicar com o Sandro. Esperei que chegasse e me aproximei.

- Sandro, podemos conversar? É importante para você.

Sáimos e fomos para a sala de reunião.

Sentamo-nos e, constrangido, comecei a lhe contar a história.

- Quero lhe pedir desculpas, mas acabei lhe causando um problema sem querer. Por descuido meu e por erro do banco, recebi um talão de cheques que era seu e assinei vários deles, que foram pagos. Sei que está uma fera com o banco, mas neste caso, fui eu que emiti os cheques.

Sandro ficou me olhando, como se não entendesse. Peguei o talão na pasta e mostrei a ele, que o examinou com cuidado.

- Já pedi ao Armando que fizesse o levantamento do que foi pago. Aqui está a lista. E também o comprovante de depósito feito na sua conta, no valor dos cheques compensados. Existe pelo menos um cheque devolvido e dois não cobrados. Vou procurar quem o recebeu e resolver a situação.

Expliquei ao Sandro que já tinha recebido um telefonema de um dos recebedores dos cheques e combinado com ele de passar na loja e acertar a situação. O Sandro, evidentemente, não estava satisfeito.

- Sabe o que farei? Vou processar o banco

pelo que aconteceu! Eles é que são culpados. Não podiam ter pago os cheques. Tá na cara que a assinatura não confere!

- Sandro, entendo que esteja zangado, mas pense bem: os cheques foram depositados em outros bancos e a compensação, talvez não saiba, é feita por telefone. Só muito tempo depois é que os cheques chegam ao banco. Neste caso, pelo que o Armando me disse, nenhum deles chegou.

Era verdade. O banco só descobriria o erro na hora em que recebesse os cheques. Então, poderia corrigir a situação. O que pensei – e tentei convencer o Sandro – foi que um processo acabaria prejudicando não o banco, mas o empregado que cometeu o erro, destacando que, sim, tinha errado, mas que também era culpado.

- Quem vai pagar o pato, se processar o banco, será o atendente. Foi ele quem me deu o talão errado. Mas é só parcialmente culpado. Eu devia ter conferido e observado que os cheques não eram meus. Agora, o banco sabe que não foi você quem deu os cheques. Se quiser, assino uma declaração

isentando-o de toda responsabilidade e pode apresentá-la ao banco.

O Sandro ficou pensativo e acabou concordando que a declaração resolveria. Eu fiquei encarregado de ver com o banco como deveria ser feita. No mesmo dia, entreguei a declaração ao Sandro e outra ao banco, destinada ao Armando. O Sandro não teria prejuízo financeiro, pois paguei inclusive as multas pela devolução dos cheques.

No dia seguinte procurei o Paulo. Ao me ver, abriu um largo sorriso e emendou:

- Aí, então, chegou o meu falsário preferido...

Sem dizer nada, peguei o talão, preenchi o cheque e lhe entreguei, pedindo o outro de volta. Ele o entregou, esperando que o rasgasse. Não o fiz. Guardei-o e o levei para o Sandro, aliás, como fiz com os outros dois. Não queria que restasse nenhuma dúvida de minha lisura. E, no final, acho que não ficou. O que não contava é que o Paulo contaria a história, aproveitando quando estava presente

Nela, eu havia virado o falsário sortudo.

